

## A CRIANÇA E O ADOLESCENTE NA ATUALIDADE: PSICOLOGIA DO EDUCADOR\*

MARIA BERNADETE AMÊNDOLA CONTART DE ASSIS\*\*

Há uns vinte anos atrás, ainda fazia sucesso entre educadores o discurso sobre a polarização Educação Bancária X Educação Problematicadora, introduzida por Paulo Freire, em sua brilhante *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1970).

Naquele momento a palavra de ordem era problematizar: sair de uma postura de educadores “bancários” em que a relação era baseada em uma espécie de “tomá-lá-dá-cá” para uma postura em que a relação educador - educando fosse libertadora, para que ambos pudessem questionar tudo o que já estivesse estabelecido. Nesta época também florescia as idéias piagetianas sobre a construção do conhecimento no âmago da relação educador - educando (Piaget, 1970), o que vinha dar um forte suporte teórico para que os educadores saíssem de suas cadeiras, de trás de suas mesas e viessem ao encontro dos alunos, construir com eles o saber. Invertendo as palavras que deram o nome a um dos grupos mais importantes do movimento estudantil da época, o *Liberdade e Luta*, eu diria que foram anos de luta e liberdade, ou luta pela liberdade. Não foi uma luta contra o regime militar. Esta talvez tenha sido a mais visível. Houve uma outra, interna, contra o “regime militar” que caracterizava as relações educacionais, as relações familiares, as relações conjugais... Foi uma luta também contra nossas próprias amarras, internas, pessoais!

Pois bem, lutamos, rompemos os grilhões. Saindo de nossas próprias armaduras, não cabia colocá-las em ninguém

---

\* Trabalho apresentado em mesa redonda da “Jornada de Educação: novos tempos, novos caminhos (?)”, FCL/UNESP/CAr., 1998.

\*\* Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

e, assim sendo, oferecemos espaço para os alunos - e para os filhos - para que tivessem voz e voto!!

Agora, cá estamos às voltas com estas crianças e adolescentes da atualidade, frutos de nosso próprio desenvolvimento. Não estou deixando de considerar toda uma transformação social, cultural e econômica ou a famosa revolução provocada pela TV e pela informática. Estou apenas nos incluindo em tudo isto, porque muitas vezes falamos das transformações, da nova geração de crianças e adolescentes, como se não tivéssemos absolutamente nada a ver com isto.

Se lutamos por esta nova geração, agora nos cabe justamente construir novos caminhos, como diz o tema deste encontro. Não cabe retroceder, imaginar, defensivamente, que no passado era melhor. Digo defensivamente, porque mudanças são angustiantes e, nestas circunstâncias, costumamos nos defender da angústia que nos causa mudar, iludindo-nos com saudosismo ou retrocessos. Cabe aqui um parêntesis interessante sobre a palavra **angústia**. Ela significa, fundamentalmente, **medo**. Medo de não ter condições suficientes para enfrentar determinada situação (Freud, 1926; Klein, 1952).

Ora romper espaços estabelecidos é criar um campo de interpenetração que exige muita maturidade e desenvolvimento para que se possa estabelecer verdadeiras relações e não confusões. Quero dizer com isto que se professor e alunos tem seus lugares definidos e inquestionáveis, os acontecimentos são quase que pré-visíveis. Por exemplo, o professor dita o ponto e os alunos copiam para reproduzi-lo na prova. Quando estas delimitações são rompidas, a imprevisibilidade se impõe. É neste contexto que passa a ser importante falar sobre a Psicologia do Educador. Por que?

Vejamos. Se o papel do professor e dos alunos é muito bem definido e preestabelecido, então a ansiedade frente à tarefa de ser professor diminui e, naturalmente, as defesas são menos necessárias. Ao contrário, quando a relação é de parti-

cipação ativa de ambos, o professor fica “a descoberto”, sai de sua armadura de regras e “tudo pode acontecer”, a ansiedade gerada pelo exercício de um papel assim é bem maior (Macedo, 1994). Vamos pensar em um exemplo fora do contexto de sala de aula para maior esclarecimento desta idéia. Pensei na missa, tal como acontece na Igreja Católica. Trata-se de um ritual em que a seqüência é estabelecida e os papéis também, tanto o padre que dirige a missa como dos fiéis que dela participam, ou melhor, que a assistem. É um tipo de situação que não é geradora de ansiedade, porque é muito previsível. Se o padre resolve pedir alguma opinião, por pequena que seja, para o público, cria-se, normalmente, um certo desconforto e a participação costuma ser muito pequena.

Portanto, a situação nova que o educador está vivendo na relação com o educando (a criança e o adolescente da atualidade) deixa-o mais “desprotegido” e, assim sendo, mais ansioso. A educação hoje exige um professor com certas características de personalidade diferentes daquelas que eram necessárias em uma educação não problematizadora. Estas características são justamente aquelas que tornam menos ansiogênica a tarefa de educar dentro da nova realidade de “fronteiras móveis”.

Quais seriam estas características, necessárias ao educador da atualidade, para se relacionar com crianças e adolescentes da atualidade?

**Segurança**, como sentimento de capacitação para a relação; o educador precisa sentir-se instrumentalizado em termos emocionais e intelectuais para a relação com o educando, o que exige uma formação contínua para o desenvolvimento intelectual e pessoal.

**Flexibilidade**, característica localizada entre a rigidez e a frouxidão. Não se trata de um “meio termo”, mas de um equilíbrio entre estes dois termos, ou seja, a cada situação vi-

vida, o educador precisa ter condições para avaliar a necessidade de maior ou menor rigor na conduta com o educando.

**Mutualidade**, relacionada a condição do educador de considerar o Outro em sua plenitude, desenvolvendo, na relação com o educando, o respeito e a ética.

**Espontaneidade**, característica relacionada à disponibilidade do educador para estar à vontade na relação com o educando, sem medo de ser visto, investigado, analisado, dentro da relação. A possibilidade de estar aberto ao outro é condição essencial para que se estabeleça uma relação de respeito e confiança, necessária para o bom desenvolvimento do educando.

**Organização interna** capaz de suportar (no sentido de dar suporte) a desorganização que é própria à nova educação.

**Entusiasmo**, relacionado à vivacidade, energia, requerida pela nova geração. Esta característica está intrinsecamente relacionada ao afeto que o educador tem por sua profissão e por sua disciplina. Passar isto para o educando, é primordial para o desenvolvimento de relações produtivas. É conhecido o fato, entre educadores, que os alunos gostam mais das disciplinas cujos professores são “entusiasmados”.

Arrolar as condições internas ou psicológicas importantes para que se estabeleçam relações interpessoais produtivas e criativas, não é psicologizar a questão do ensino e muito menos culpabilizar o educador por não ter estas ou aquelas características. Penso que é esclarecer para que, justamente, possamos lutar, pessoal e coletivamente para desenvolver estas condições. É ótimo que uma nova ordem social exija personalidades mais maduras e mais saudáveis, para que possamos também formar personalidades mais maduras e saudáveis.

## BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo *Pedagogia do Oprimido* - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

- FREUD, Sigmund *Inibições, Sintomas e Ansiedade* ESB, Vol. XX, - Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- KLEIN, Melanie (1952) Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, em *Os Progressos da Psicanálise*, - Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MACEDO, Lino de *Ensaio Construtivistas* - São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
- PIAGET, Jean *Psicologia e Pedagogia* - Rio de Janeiro, Forense, 1970.